

EDITORIAL

O número 40 da *Philosophica* publica intervenções apresentadas no Seminário “O Belo e o Bem em Contexto Natural”, uma iniciativa conjunta do projecto de investigação “Filosofia e Arquitectura da Paisagem” (FCT/CFUL) e da Sociedade de Ética Ambiental, com a colaboração do Centro de Formação de Professores de Conímbriga. Este Seminário decorreu entre Fevereiro e Março de 2012, num ciclo de 3 sessões: *Ambiente e Paisagem; Animais, Interesses e Direitos; Ética, Estética e Desenvolvimento Sustentável*.

As razões que levaram a equipa editorial a acolher esta temática encontram-se, antes de mais, nas interpelações e desafios que o tempo em que vivemos coloca ao pensar. Com efeito, e como se afirma na apresentação do Seminário: “A crise ecológica – com a correlativa consciência de um mundo natural em declínio, e mesmo em perigo de extinção – obrigou a uma profunda alteração de algumas áreas da filosofia que reconduziam os seus princípios a uma ideia de Natureza como fundamento estável e fonte de permanente regeneração vital.” Assim, o diagnóstico sombrio da perda do valor da natureza e das suas implicações numa sociedade inteiramente mecanizada impõe a necessidade de uma reflexão abrangente sobre o compromisso que se afigura ao homem: o cuidado e a prudência na relação com o seu lar-planeta.

A amplitude da compreensão do mundo que essa reflexão convoca implica, no mais profundo significado e verdade, a intelecção do humano no seu originário sentido e na sua destinação última. Porque a atenção a isso que acontece à nossa volta significa, ao mesmo tempo, a atenção a nós próprios, descortinando-se nesse pensar a presença indeterminável e sempre em aberto das nossas vidas. Fundamentalmente, é esta a substância das comunicações apresentadas, convertidas nos textos que constituem a secção *Artigos* deste número de *Philosophica*. Para além das diferenças específicas, sublinha-se o que lhes subjaz e os torna comuns, conferindo-lhes por isso unidade e sentido. Conduzidos pela indagação que a realidade existencial nos lança, todos os autores procuram desvelar esse ser-aí do humano, ao mesmo tempo em que nos mostram a imbricação dos laços que o constituem e que o vinculam à Terra numa relação de afinidade e comprometimento. Daí que a re-conceptualização antropológica emergente das suas reflexões reconfigure, em simultâneo, a estética

e a ética da natureza, que se entrevêem como instâncias de redenção e salvação do humano.

Cristina Beckert, com o “Espelho Invertido”, efectua uma hermenêutica do processo identificação-exclusão que a relação entre o homem e o animal subsume, através dos diferentes momentos da história, reconstruindo nesse percurso a argumentação que justifica a consideração ética devida aos não-humanos. Paulo Borges reforça a precedente argumentação inquirindo “Quem é o meu próximo?” e dando razões, ao longo da sua reflexão, para a universalização da compaixão e do amor a todos os sencientes e, radicalmente, a toda a manifestação de vida terrena.

Viriato Soromenho Marques apresenta um caso exemplar de vida autêntica, o de Henry David Thoreau, em confronto com o viver alienado que as sociedades “mecanizadas” promovem. Também Nuno Castanheira, guiado por Hannah Arendt, reflecte sobre o significado do viver num tempo de crise: “Ser humano desalojado” mostra e pensa a inabilidade do ser humano para estar em casa no mundo.

A crise ecológica, origens e manifestações, constitui o ponto de partida do artigo “Perspetivas Antropocêntricas e Ecocêntricas da Estética Ambiental: Contributos para a Sustentabilidade”, de Jorge Marques da Silva, para uma reflexão sobre as possibilidades da sua superação, quer pela via da racionalização dos recursos que o conceito de desenvolvimento sustentável subsume, quer, sobretudo, pela via da intensificação da afectividade, plano em que a beleza do mundo se configura como factor desencadeante de cuidado e de protecção.

No artigo “Campos de Deméter: da impossibilidade de separar a ciência, a ética e a estética na hermenêutica da paisagem”, António Queirós procede a uma dilucidação do enquadramento conceptual que emoldura a problemática ambiental, enquanto Francisco Teixeira em “Educação ambiental: um itinerário persistente e crítico de expansão de cidadania” nos oferece um minucioso panorama da génese e evolução da educação ambiental, entendida como exercício efectivo de uma cidadania de dimensão planetária.

Este número inclui ainda um ensaio de Victor Gonçalves intitulado “Foucault e a Filosofia”, que foca o modo como o pensador francês recebeu, analisou e reinterpreto a obra de Kant, nomeadamente no campo epistemológico, mas também no domínio da ética e da política, insistindo na validade e pertinência do “diagnóstico da actualidade” e da “ontologia de nós mesmos”, que se propõe justamente visitar a partir dos ensinamentos do Professor de Königsberg.

Numa secção final, registamos, apresentada por Gabriel Albiac, uma justíssima homenagem a Oswaldo Market, professor que marcou várias gerações de alunos de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O número encerra com informações de interesse geral para a comunidade filosófica. A este propósito, recordamos que os números 1 a 30 da *Philosophica* estão agora disponíveis em formato digitalizado, em livre acesso no endereço www.centrodefilosofia.com.

Maria José Varandas
José Gomes André